

# "Há espaço para um bom acordo"

por Tom Camargo  
de Londres

Um banqueiro inglês, membro influente do comitê que assessora a renegociação da dívida externa brasileira, apresentou ontem, em Londres, uma versão cautelosamente otimista da próxima jornada de contatos do País com seus credores internacionais.

"Quando se pensa nas duas etapas que já vencemos (as fases 1 e 2), só podemos constatar que hoje tudo mudou para melhor: o Brasil está em melhor situação, o mundo também e há menos pressão em cima dos bancos. Com a situação do México já encaminhada, há mais espaço para se encontrar um bom acordo para o Brasil, governos e bancos", disse Guy Huntrods, diretor do Lloyds Bank e

um dos "Chairmen" do comitê assessor. Sua platéia, de mais de uma centena de empresários britânicos e brasileiros, foi reunida num almoço pela Câmara Brasileira do Comércio na Grã-Bretanha.

Ele disse que o "substancial superávit comercial" obtido até agora não deve ser creditado apenas à redução das importações mas também a um "efetivo aumento das exportações. Calculou que este superávit poderá chegar até aos US\$ 12 bilhões, consolidando um quadro onde o Brasil "não tem problemas de liquidez, mantém todos seus pagamentos internacionais em dia e ainda consegue reservas crescentes de divisas externas".

Em contraste com esta bonança na frente internacional, haveria "fatos de-

cepcionantes" no lado doméstico. Avanços na área fiscal e na administração do esforço exportador não seriam suficientes para contrabalançar as "frustrações no controle da inflação".

## CORAGEM

Disse Huntrods que o governo brasileiro teve a "coragem e desejo políticos" para aplicar um programa de reordenação da economia que, "todos sabiam, trazia consigo perigos políticos e sociais".

O banqueiro disse ter constatado, desde os anos 60, quando esteve no Brasil participando da organização do Banco Central, "uma mudança dramática no perfil da economia brasileira. Nos anos 70, quando outros países paravam, o Brasil continuava a crescer. "Haveria de acontecer um momento de consolidação, depois dos choques do petróleo, da recessão mundial e da débâcle mexicana. O fato, contudo, é que esta parada trouxe para o Brasil, ao mesmo tempo, um problema de liquidez, credibilidade e confiança".

Restaurar o equilíbrio deste tripé seria, no momento, a missão mais im-

portante do governo brasileiro e do comitê assessor.

"Reescalonamento de dívida não é atividade bancária, é outro negócio", afirma Huntrods. Ele deseja que "todos os devedores voltem aos métodos normais de financiamento", pois este seria o sinal definitivo de que o pior da crise teria sido superado.

## "VÓO DE CAPITAL"

"No caso do Brasil", disse, "todos os recursos foram tomados no exterior, ou foram aplicados no financiamento do déficit do balanço de pagamentos ou dirigidos para grandes projetos. Não houve nesse país o "voo de capitais" assinalado em outras praças".

As nuvens que ensombram a crise da dívida valem, porém, tanto para os que tomaram, dilapidaram e deixaram de pagar quanto para os que tomaram, aplicaram (bem ou mal) e também deixaram de pagar.

"A carga de juros que os países devedores terão de carregar é a grande incógnita com a qual temos de conviver. Ela está relacionada com o crescimento da economia norte-americana e sobre isso não temos nenhum controle."